

---

## ESCRITOS SILENCIADOS

M. OLGA AZEREDO

No Colonialismo ninguém foi só objecto. África foi, de facto, colonizada, mas, pelos valores que para ela passaram, Portugal também se deixou colonizar por África. Hoje é um país bastante Africano.”

Mia Couto, 9 de Junho de 1996

Palavras desassombradas, ditas na Universidade Fernando Pessoa, que tocam bem fundo aqueles para quem África continua a ser um ponto de referência sempre sensível. Palavras que deveriam suscitar mudança de mentalidades e um novo olhar sobre escritos de um passado recente totalmente silenciado no panorama cultural português, porque identificados como vozes de um colonialismo provocador de complexos de que muitos ainda não se libertaram.

Há que repensar a situação. É urgente uma crítica desempoeirada mas criteriosa que saiba destrinçar o trigo do joio em tantos milhares de páginas em língua portuguesa onde homens e mulheres que, por motivos vários, demandaram terras do “Ultramar”, deixaram documentos autênticos das suas vivências e da sua época.

Mas, ao arrepio das políticas oficiais vigentes, descobre-se nelas um mundo novo patente ao olhar maravilhado de europeus que abriram o coração à natureza e aos homens no respeito de culturas diferentes, quase sempre numa visão humanista que só os honra.

A talho de foice e a título de exemplo para os mais afastados destes valores, citamos uma página de um obra que nos diz muito:

Chica preparava uma boa agulha ou um pau muito afiado. Sentava-se no chão com as pernas cruzadas e recebia a menina no regaço sobre o lençol de banho. Antes de mais nada passava revista aos seus pèzinhos, às suas mãos pequeninas e por fim a todo o corpo. Por mais que a afilhada quisesse impor-se, sem esse serviço não deixava vesti-la.

-Você queri qui a minha mininá fiqui sem pés, como eu, todos comidos? Mininá tem dois mamãe, eu não têvi nenhuma, sabi?

**ESCRITOS SILENCIADOS**

No principio das chuvas desse ano, quando as bitacaias de todas as cores e de todos os tamanhos, desde as reboludas louras às pretas bravas e secas como cisco mirrado, atacaram aos milhares os pés dos viajantes e chegaram a imobilizar um batalhão quase inteiro de tropas em pleno planalto, esse serviço tornou-se delicado. Ao mais pequeno descuido já estava a pulga dentro do sabugo e então era necessário deixar criar saco para evitar que ficasse fincada no fundo a metade mais venenosa da cabeça e produzisse infecção.

-Bicho feio! -Dizia Chica quando encontrava alguma pulga.-Você é como o Leão, queri comer o pèzinho da minha mininá? Quéri cmé mesmo? Julga que ela não tem mamãe? Tem sim siô, tem dois mamãe.Chica é qui não têvi mamãe, Chica é o sapato da mininá.-E punha-se a dançar, como sempre, para fazer rir a pequerrucha.

-Lé,lé,lé, minina! Lé, lé, lé, mininá!

-Ah! Mininá! Mininá! Chica é qui não têvi mamãe pra tirá o bitacaia, não têvi, não; pé di Chica é preto e tem dedos comidos. Agora o seu pèzinho... o seu pèzinho ser branco e o bicho malandro não há-di comê sua cáрни, nem fazê saco à sua custa, nem chupá seu sangri. Não cómi, não...

Abanava a cabeça como tonta, puxava à frente os seus pés disformes, quase sem dedos, como se a minha pequenina pudesse compreender a sua lengalenga.

Mariana e a minha afilhada chamavam-lhe maluca. Desatavam à gargalhada e vingavam-se dos meus justos elogios atirando para cima da rapariga os piores e os mais pesados serviços.

Nunca se queixou. Não era trabalho da "Mininá"?

Um dia pela manhã, descobri com horror, enroscada sobre o berço, uma cobra cuspideira. Era negra, pavorosamente negra. Estarrecida procurava um meio de salvar a minha filhinha, quando Chica se atirou num repente sobre o berço e recebeu em cheio, nos olhos, o cuspo venenoso. Ainda teve tempo de repelir o animalinho, mas depois rebolou-se pelo chão como possessa, cheia de dores, com a cara feita num bolo. Esteve vinte e quatro horas em delírio e semanas a fio em tratamento da vista com o melhor quimbanda da especialidade.

Pobre Chica! Quantas vezes a fui ver à sua cubata! Quanto lhe agradeçi a sua dedicação!

Chica sorria-se e só perguntava pela sua menina, se a menina já andava bem, se a menina tomava os remédios e comia, se a menina não chamava por ela de noite e se já lhe nascera mais um dentinho. Mandei-lhe lá a criança....

Quando voltou para o serviço, ainda bastante fraca, dei-lhe mais panos, mais blusas e um lindo bracelete. Eram as lembranças da menina para a sua negra...

Quem pode descrever a alegria dela? Parecia que me devia a existência e não eu a da minha filhinha.

Guilhermina de Azeredo, *Branços e Negros*

Foram páginas como estas que levaram Ana de Castro Osório a dizer da sua autora: "A minha amiga conseguiu entrar dentro da alma dos negros e fazer uma coisa que ainda ninguém fez: torná-los compreensíveis e vivos perante a nossa psicologia".

Ora este é o confronto cultural subjacente a tantas obras que não deve perder-se. Não só a nossa literarura ficará mais pobre sem tal registo mas também esse olhar "de fora"

interessará, por certo, os homens de cultura dos diversos países que nasceram das chamadas "províncias ultramarinas".

Até porque, como diz Mia Couto, as culturas se interpenetram.

Se esta perspectiva é de considerar, numa dimensão estética o silêncio sobre tantas obras na nossa língua mais parece uma espécie de nova Inquisição empobrecedora de todos nós, os de agora e os do futuro. A rejeição pode não ser às claras, é certo, mas o silêncio não é menos castrador. E quem desaparece, esquece...

A verdade é que, passados séculos, continuam a ler-se páginas de João de Barros pelo valor intrínseco da sua prosa independentemente da visão imperialista subjacente, tal como se lê a "Peregrinação", não apenas por mostrar um outro lado da expansão, mas também por se tratar de uma espantosa e despojada narrativa.

Sendo assim, porquê silenciar uma literatura de inspiração africana só porque os seus autores viveram numa era colonialista sem uma crítica isenta que permita seriar obras que só podem enriquecer-nos, independentemente de marcas epocais inerentes?

Pelo que conhecemos, os críticos vão ter surpresas ao verificarem como juízos feitos "a priori" deturpam a verdade patente em tantas e belas páginas.

E, já agora, para terminar e repetindo o nosso Sá de Miranda, se as estátuas de metal caem e só as letras perduram, então, se elas merecerem, não as deixemos morrer.